

# LADY GAGA E A IDENTIDADE ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE ARMÊNIA EM 911

## Armenian religious identity in Lady Gaga's 911

Natasha Martins<sup>1</sup>  
Gabriel Bogossian<sup>2</sup>

### Resumo

Lady Gaga é uma das mais influentes artistas da atualidade, conhecida por retratar em suas performances temas polêmicos, destacando-se os de cunho religioso e espiritual. Buscou-se por meio de análise do videoclipe de autoria da artista chamado 911 em intersecção com a obra cinematográfica a qual lhe serviu de inspiração estética, A Cor da Romã, o diálogo acerca dos símbolos ligados à religiosidade armênia. Diante da histórica problemática que envolve a Armênia como um país autônomo e possuidor de uma identidade, sua expressão por meio da linguagem pop levanta questões sobre apropriação e/ou aproximação cultural.

**Palavras-chave:** Lady Gaga; Identidade; Armênia; Religiosidade.

### Abstract:

Lady Gaga is one of the most influential artists today, known for exploring in a controversial way themes such as religion and spirituality in her performances. Through the analysis of the 911 video clip authored by the artist, in intersection with the cinematographic work which served as her aesthetic inspiration, The Color of the Pomegranates, symbols linked to Armenian religiosity will be pointed out, focusing on the historical problematic that involves Armenia's identity viewed through pop language, as questions are raised about cultural appropriation.

**Keywords:** Lady Gaga; Identity; Armenia; Religiosity.

---

<sup>1</sup> Mestre e Pesquisadora de Ciência das Religiões. Ligada atualmente à Universidade Lusófona de Lisboa. Bacharel em Nutrição pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Criadora de conteúdos e de divulgação científica sobre religiosidades e religiões contemporâneas. Link para o currículo Lattes <https://lattes.cnpq.br/8552081985316939>

<sup>2</sup> Mestre em Ciência das Religiões e Pesquisador pela Universidade Lusófona de Lisboa. Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Link para ORCID <https://orcid.org/0000-0003-2900-5633>

## 1. INTRODUÇÃO

A arte, em especial a performance, sempre foi o meio essencial para manutenção, transmissão e prática das mais variadas formas religiosas. Como ponto de encontro e manifestação do sagrado, ainda que as performances artísticas apresentem diferentes modelos de linguagem, todas fazem uso de símbolos para comunicar sobre algo. (MARTINS, 2022)

Segundo Gellel (2013), os símbolos são usados para comunicar questões ligadas à dimensão espiritual desde o período Paleolítico, com desenhos encontrados em pinturas rupestres. O autor ressalta que todo símbolo é construído e imbuído de valor dentro de um contexto específico, que nos tempos atuais chamamos sobretudo de cultura. Os símbolos, então, vão sendo moldados ao longo do tempo e em cada civilização, mas nunca se distanciando totalmente de seus significados originais. Pinto (2021, p.10) corrobora com a ideia ao explicar que “a lógica, qualquer que ela seja, parte de um quadro simbólico que define a forma de ler a realidade”. Funciona, portanto, como um impulsionador de ideias que são absorvidas, interpretadas e projetadas por cada indivíduo e comunidade.

Entende-se por identidade, nas palavras de Carvalho (2015, p.36): “as lembranças, as informações ou ideias que ficaram retidas e conservadas e que são inesquecíveis dentro de um grupo.”. Essas memórias características de uma cultura são em grande parte preservadas nas artes. Carregados de valor histórico, o filme *A Cor da Romã*, de Sergei Paradjanov, e o videoclipe *911*, de Lady Gaga, possuem a capacidade de resgatar fatos passados, mobilizar lembranças, descrever períodos, aproximar o passado do presente e atribuir sentidos para os seres humanos. (VIEIRA, 2017)

Adaptadas conforme contexto em que são empregadas, as narrativas simbólicas são reconstruídas e integradas aos discursos de seu tempo. Portanto, a obra de Paradjanov e a de Lady Gaga fornecem diálogos próprios a seu público e momento de reprodução, mas que através da arte compõem pontos de encontro em que a espiritualidade/religiosidade e a cultura armênia são reveladas.

## 1.1. 911 E A COR DA ROMÃ COMO OBJETOS DE ESTUDO

As mídias sociais ludicamente se relacionam com as culturas populares, fornecendo com isso, por sua natureza globalizada, maior aproximação de diferentes pessoas a um número maior de símbolos e culturas. Segundo Gellel (2013), as performances de videoclipes favorecem um maior repertório simbólico, que, por sua vez, também dão acesso para construção de diferentes significados e maneiras de se relacionar com o mundo.

Enquanto produto audiovisual, carregam ambos, para além das obviedades que as conectam, a capacidade de exercer fascínio e correlação com o público, imprescindível para completude da mesma, sendo arte contínua que necessita desta contrapartida para compreensão e significado da obra. Entretanto, é importante estressar que, embora a mística e imaginário simbólico de *A Cor da Romã* (1969) sejam revividos no videoclipe de 911 (2020), há um desencontro de mensagem, tanto pela razão intelectual, no sentido de intenção narrativa, quanto e, talvez, mais importante, o contexto histórico factual nos quais foram lançados.

Exige-se, portanto, que 911 seja entendido e compreendido à luz de seu tempo, a fim de se tentar perceber as camadas que se sobrepõem à obra, da imprevisibilidade de acontecimentos geopolíticos, sociais e culturais que revestem significado na percepção do público. Adicionou-se à personagem de Gaga toda a carga emocional de Paradjanov e seus desdobramentos de armenidade, apenas semanas antes dos 44 dias mais traumáticos na história recente dos armênios. Em um conflito que carrega ligações com o genocídio sofrido pelo povo armênio, em 1915, perpetrado pelo império turco otomano, o território da República Autônoma de Artsakh, de maioria populacional armênia e da própria República da Armênia, fora invadido pelo estado vizinho do Azerbaijão, por razões de armenofobia e com forte viés de perseguição étnica.<sup>3</sup>

Já acostumados com a criatividade e jogo lúdico de mensagem da cantora, sua base de fãs debruçou-se sobre o videoclipe no afã de encontrar respostas e, quiçá,

---

<sup>3</sup> O Globo. Acessado em 03 Junho de 2022: <https://oglobo.globo.com/mundo/tregua-entre-armenios-azeris-fragil-da-margem-novas-contendas-no-caucaso-24772862>

conforto, atribuindo à Lady Gaga qualidades divinatórias nas quais, segundo eles, esta estaria alertando sobre o ataque. As proporções tomadas pela fanfic<sup>4</sup> criada fizeram com que o próprio museu Instituto Paradjanov-Vartanov viesse a público se manifestar, negando qualquer relação com a guerra, o filme e o videoclipe.<sup>5</sup>

A escolha das duas obras como objeto de estudo se dá na tentativa de explorar a força simbólica dos elementos identitários relacionados à religiosidade da Armênia. Também, levantar-se-á questionamentos acerca da divulgação e apropriação cultural que a produção artística de Lady Gaga possa ter ocasionado. Para elaboração deste artigo usou-se de pesquisa em redes sociais relacionadas à artista, como Twitter e Instagram, bem como foram analisados outros vídeos e também consultadas publicações acadêmicas pertinentes ao tema. Por fim, destaca-se a importância dos trabalhos de Peter Burke (2004) para compreensão quanto à interrogação de obras audiovisuais.

## **2.2 Lady Gaga**

Stefani Joanne Angelina Germanotta, popularmente conhecida como Lady Gaga, é uma artista pop americana, com nacionalidade também italiana, nascida no ano de 1986 d.E.C. Gaga veio de uma criação católica, tanto por parte de sua família, como de suas experiências educacionais durante seu trajeto escolar. Em suas performances musicais, a artista usa da teatralidade para ludicamente dialogar sobre temas polêmicos e tabus, que quase sempre têm como base o encontro de identidade.

Gellel (2013) conecta as performances desenvolvidas por Gaga com o que Taylor (2013) identifica ser uma performance ritual, ou seja, uma apresentação irrigada de elementos religiosos, que comunicam, transmitem conhecimento, são memória e identidade social. Sendo assim, a performance ritual destaca-se por se fazer sentir, há uma mística na relação, no entre, entre os observadores e os atuantes. Gaga é conhecida também por ideias e comportamentos transgressores

---

<sup>4</sup> Palavra originada do inglês fanfiction, é uma narrativa ficcional criada e divulgada por um grupo de fãs.

<sup>5</sup> Institute Parajanov-Vartanov. Acessado em 27 de Maio de 2022 em: <https://parajanov.com/ladygaga>

à Igreja Católica, ao exemplo dos videoclipes Alejandro, no qual a cantora traz símbolos relacionados aos inquisidores do Santo Ofício, e Judas, no qual a letra provoca temas tabus no âmbito cristão.<sup>6</sup>

A artista comunica mensagens com as quais, sobretudo, o público jovem se identifica. Contudo, nos últimos anos englobou entre suas pautas um tema socialmente latente: saúde mental. A música e o videoclipe de 911 compreendem este momento, compondo o álbum chamado Chromatica, em que Gaga revela um pouco de suas experiências como alguém que enfrenta quadros de ansiedade e psicose. (NASCIMENTO *et al.*, 2022). Fala-se, portanto, de uma artista que bem representa o fenômeno religioso e a sociedade do mundo contemporâneo, o encontro do passado e do futuro, memória e suas transformações, das permanências e suas rupturas.

### 2.3 Sergei Paradjanov e a Cor da Romã

A Cor da Romã, produzido em 1969 pela Armenfilm, pode ser visto como uma das maravilhas poéticas em que narrativas se conectam, uma biografia que conta a história de muitos. Todavia, falar da obra sem apresentar seu idealizador e realizador é faltar com profundidade para se debruçar à altura do filme. A vida de Sergei Paradjanov (1924-1990), georgiano de origens armênias, nascido em Tbilisi, serve, por si só, como exemplo do que seria retratado ao longo de sua extensa filmografia, cuja característica estética busca inspirações dentro da cultura e trajetória social dos povos do Cáucaso. Assim, bebendo, principalmente, dos *motifs* folclóricos enquanto guião de universo das obras (STEFFEN, 2013, p 157), o diretor utiliza da linguagem surrealista para expressar uma visão imaginada e reinterpretada das identidades artísticas regionais, imprimindo sua própria personalidade e história de vida:

Os filmes do notável cineasta armênio Sergei Parajanov (1924-1990) são distintamente de autor, independente de serem baseados em seus roteiros originais (A Cor da Romã, 1969) ou em uma obra literária (Sombras de Antepassados Esquecidos, 1964; A Lenda da Fortaleza Suram, 1985; Ashik Kerib, 1988). Atrás de cada quadro, sua sombra é

---

<sup>6</sup> Gellel (2013) sugere que isso ocorra pelo conjunto simbólico mais facilmente acessado pela artista, que é oriunda de uma educação religiosa e cultural, tradicionalmente, católicas.

visível, sua voz é ouvida; em cada objeto e cada ator, seu pulso e sua respiração podem ser sentidos. (GALSTYAN, 2014, p. 104)

Paradjanov, assim como Gaga, é sinônimo de fugir do óbvio, da não conformidade, tanto na vida pessoal quanto artística, pela qual é reconhecido por atribuir peso e significado na sutileza de suas metáforas. Entendia os sofrimentos e alegrias das pessoas que estrelaram suas obras, pois, sabia, ele mesmo, o alto custo da autenticidade e da luta pelo direito de ser, o valor das emoções e afetos, refletidos nas questões da existência humana. Perseguido pelas autoridades soviéticas devido sua orientação sexual, foi condenado a cinco anos de exclusão e serviços forçados nos gulags siberianos, sob acusação de distribuição de pornografia e ações ilícitas, proibido de exercer sua arte (STEFFEN, 2013, p. 270). Logo, nota-se, também, em *A Cor da Romã*, a sincronia existencial, entre obra e autor, no que tange às atribuições sofridas pelo diretor, sendo o filme censurado e questionado por Moscou, que tentou enquadrá-lo dentro do direcionamento artístico do realismo socialista e colidiu com a experimentação dialética de Paradjanov.

O longa conta a vida do trovador armênio do século XVIII, Sayat Nova, conhecido como o Rei das Canções, nascido no antigo reino da Geórgia, cujas obras retratavam questões como o amor e a multiculturalidade entre as relações pessoais. Expressas em forma de uma esquizofrenia cultural, como qualificado por Dowsett (1997), dado que, em suas peças, 128 poemas foram redigidos em azerbaijani, 63 em armênio e 35 em georgiano, realizando, porém, um intercâmbio de caracteres na escrita, escrevendo, por exemplo, em azerbaijani com letras do alfabeto armênio. Esse espírito construtor de pontes ressonava com o diretor, haja vista que:

Paradjanov enxergava, em si, reflexos de Sayat-Nova, um poeta de toda a Transcaucásia, visando captar a riqueza cultural dividida e multiplicada pelas populações georgianas, armênias, turcas azeris e curdas, bem como as interligações das tradições religiosas entre cristãos, muçulmanos e judeus, que se aproximavam e afastavam em movimentos de ondas, sempre lidando com impérios estrangeiros como a Rússia, Turquia e Pérsia, invasivos, porém, culturalmente ricos. As alegorias autobiográficas de Paradjanov em *A Cor da Romã* proporcionam a observação de Sayat Nova enquanto alter ego do diretor, já percebido nas primeiras cenas do filme com os dizeres impactantes na tela “Eu sou aquele cuja vida e alma sofrem” (BOGOSSIAN, 2022, p. 57)

Embora o filme tenha o trovador enquanto personagem principal, Paradjanov acaba por contar, concomitantemente, a história do povo armênio e sua própria história, através da manutenção de símbolos e eventos universais às partes, por meio de representações que conferem unidade identitária, nas dinâmicas de subjetividade que permitem conexão entre o indivíduo e o coletivo. A Cor da Romã ilustra a identidade armênia, pois a situa em três momentos, na época de Sayat Nova, na existência de Paradjanov e, por fim, na eternidade da armenidade e sua contrapartida de reconhecimento, onde ocorre a vivência identitária expressa por meio da continuidade de símbolos compartilhados e individuais, materiais ou difusos. É neste espaço atemporal em que vive a arte que a obra de Gaga encontra a de Sayat e Paradjanov.

Visto isso, os símbolos são as chaves do diálogo entre o universo do diretor armênio com o da artista pop, pois a estética é carregada de sentido, e assim como em um ritual detalhadamente preparado, nada, nenhum elemento ocupa seu lugar por acaso. Os símbolos identitários são também símbolos de crenças, que em sua natureza bebem de fontes históricas e filosóficas (MARTINS, 2022). Ao compartilhar do conjunto simbólico armênio, Gaga comunica, mesmo que de maneira indireta, sobre a religiosidade deste povo.

### **3. Tradição religiosa da Armênia**

Para maior compreensão do que significa a identidade armênia, definida aqui como armenidade, convém analisar as formas e expressões respectivas deste povo milenar, observando o traçado mitológico e a continuidade dos símbolos, guardados e reivindicados tanto na vivência religiosa quanto cultural, exemplificando, assim, a congruência das mesmas na contribuição social neste particular coletivo. Sobre a origem dos armênios, recorre-se aos Cantos de Goghten, passados por entre os séculos na forma de tradição oral e compilados no século V, por Movses Khorenatsi, onde figura o mito de Hayk, patriarca dos armênios, que derrotou o babilônio Bel e libertou os armênios, iniciando com isso a migração para o norte.

Em período de crença animista, com especial atenção aos astros e à natureza, eram conhecidos sete grandes altares na Antiga Armênia, dedicados às principais

divindades do panteão pré-cristão, nomeadamente: Aramazd, Anahit, Mihr, T'ir, Nane, Astlik e Barshamin. Percebe-se, sem dúvida, direta influência de outras culturas na formulação da cosmovisão referida, com destaque na tradição zoroastra (ANANIKIAN, 1923; RUSSELL, 1987). Havia, entretanto, uma oitava deidade, Vahagn, matador de dragões, deus do fogo sacrificial, do raio e do sol, visto como um deus nacional, que antecede a formulação do panteão previamente citado, relacionado, portanto, ao mito de origem.

Importante perceber que, desde sua instalação nas planícies do Monte Ararat, em torno do lago Van, e solidificação do Reino da Armênia no século VI A.e.C, os armênios sempre estiveram lutando contra o domínio de impérios vizinhos, principalmente os Persas, Gregos, Romanos, Bizantinos, os grandes califados, Mongóis, Turcos otomanos e o império Russo, sendo a defesa contra invasões uma constante ao longo dos milênios (PANOSSIAN, 2006; PAYASLYAN, 2007). A custo de muita luta e sofrimento, houve também enorme intercâmbio cultural e comercial, que contribuiu para o desenvolvimento de uma unidade coletiva própria à maneira armênia.

Quando feita a transição para o cristianismo, definido como religião oficial do estado em 301 e.C., no estabelecimento da Igreja Apostólica Armênia, por São Gregório, o Iluminador, sendo a primeira nação a fazê-lo, foram absorvidos ritos e práticas características do denominado período pagão. Este marco que sinaliza como a própria Igreja Apostólica Armênia veio por se tornar símbolo e estrutura unificadora do povo armênio, pois construiu e ofereceu o pertencimento tanto em contexto de diáspora, quanto local, através de artifícios etno protetores, como a criação do alfabeto armênio, em 406 e.C., por Mesrop Mashtots, que mesclava a identidade nacional com a identidade religiosa, ainda que a custo de uma considerável secularização da última. Assim, fazia-se notar no patrimônio edificado, presente na forma dos *khachkars*, cruzes esculpidas em pedras, e na arquitetura dos mosteiros com características da paisagem, o espaço que concentrava em si o foco das produções intelectuais e artísticas. O diálogo com a sociedade age, assim, na linha de frente de resposta às questões nacionais, não só em contexto de perseguição, mas nos hábitos e eventos sazonais da vida civil. Ademais, a identidade cristã, no cenário previamente mencionado de guerras e invasões, configurou aos armênios um perene sentimento de martírio e condicionou a luta pela sobrevivência junto à luta pela liberdade religiosa.

Fruto de sua história, a Armênia é, portanto, uma espécie de bricolagem religiosa, uma colcha de retalhos culturais. Todavia, assim como todos os mitos voltam-se ao chamado mito original, há um fio condutor dessa construção, que neste caso retoma a raiz da questão sobre o que é a identidade armênia (ELIADE, 1979), pois, acima de todos componentes que foram sendo agregados às crenças populares, existem nas narrativas religiosas do país, bastante perceptíveis quando na análise da organização de mundo e das características dos deuses de maior relevância mencionados anteriormente, uma constante batalha ligada ao existir.

### **3.1 911 e o Diálogo Religioso**

Como já relatado nos capítulos anteriores, a escolha da análise de 911 busca abordar os elementos de cunho religioso empregados no videoclipe a partir de um olhar contemporâneo. Os componentes aqui apontados destacam-se por ser a expressões de fé da Armênia, ainda que passados em segundo plano ou despercebidos para aqueles que desconhecem a cultura, mas que se sobressaem como símbolos de um imaginário coletivo, e que, no que lhe diz respeito, contam a história e os mitos de um povo.

As performances artísticas funcionam com mecanismos similares, por vezes iguais, aos das performances rituais. Há um drama compartilhado entre os espectadores e a obra; este drama, por sua vez, impulsiona a narrativa. Os conflitos expressados no enredo conduzem o público à catarse, que no videoclipe 911 ocorre no momento em que a cantora grita, retorna à consciência e percebe estar diante de um trágico acidente de trânsito.

Importante ressaltar que 911 fala de um delírio, de um momento de fragilidade mental da personagem principal, interpretada por Gaga, que imagina as cenas de um acidente no trânsito com a estética desenvolvida na obra de Serguei. Entretanto, a narrativa de A Cor da Romã representa o completo oposto ao termo delírio, trata sim de uma peça surrealista, mas que expressa as memórias e a visão de mundo de um povo que em sua história esteve, em grande parte, entre conflitos e invasões de povos vizinhos. Fala-se, portanto, de uma obra dura, cheia de dores, que comunica a falta, mas sobretudo a resistência identitária sentida pelo diretor durante sua vida como criança, jovem e adulto armênio.

Como já revelado anteriormente, uma das temáticas chave a todo trabalho de Gaga é a construção de uma identidade que permita aos indivíduos viverem bem partindo de uma cosmovisão moldada por eles mesmos. Ao falar de *A Cor da Romã* também tratamos de um autor que pretende dentro sua tônica comunicar sobre a identidade, neste caso a armênia.

Gellel (2013) escreve sobre a presença de uma religiosidade estética e objetiva nas obras de Gaga. Segundo o autor, todas as letras e performances da artista apresentam, de alguma maneira, elementos que comunicam sobre o universo religioso. Ele escreve:

The message and the spirituality that ensues is an immanent one where, among other, the body is a sacred sanctuary, where one can worship the self, where the fight between good and evil is mainly within the self. Indeed she consistently pushes the importance of self, love of self, uniqueness/originality, creativity and the potential for every individual to be at the top. (GELLEL, 2013, p. 11)<sup>7</sup>

Destacar-se-á alguns componentes artísticos de *911* e de *A Cor da Romã* com o uso de imagens para elucidar com melhor cuidado esta breve pesquisa. O primeiro ponto percebido em ambos os enredos é a ligação direta aos ritos fúnebres, ou a morte propriamente. *911* é o delírio de uma pessoa em situação de quase morte, conforme descreve Nascimento *et al.* (2022, p.1204) sobre um momento da obra: “Lady Gaga é vista tentando subir aos céus, até ser puxada de volta por uma corda atada ao seu pé, representando que os profissionais tentavam mantê-la viva no mundo real”. O fio, ou a corda, que define vida ou morte, simbolizado no ato de atar ou desatar, pertence ao conjunto de crenças armênias e é visto fortemente durante *A Cor da Roma*, como demonstrado nas imagens abaixo.

---

<sup>7</sup> “A mensagem e a espiritualidade que se segue é imanente onde, entre outros, o corpo é um santuário sagrado, onde se pode adorar a si mesmo, onde a luta entre o bem e o mal é principalmente dentro do eu. Na verdade, ela consistentemente empurra a importância de si mesma, amor por si mesma, singularidade/originalidade, criatividade e o potencial de cada indivíduo para estar no topo.”



Figura 1. 911. Fonte: [https://youtu.be/58hoktsqk\\_Q](https://youtu.be/58hoktsqk_Q) Acessado em 2 de junho de 2022.



Figura 2. A Cor da Romã. Fonte: <https://youtu.be/GECN63CMScQ> Acessado em 2 de junho de 2022.

A própria romã, fruto tradicional da Armênia, aparece nas cenas iniciais, tal qual acontece na obra de Paradjanov, carregando todos os sentidos múltiplos que a fruta emprega na cultura deste povo. Em tempos antigos, a árvore da romã era vista como a árvore da vida, relacionada com rituais de recomeço, ao exemplo do rito de ano novo, quando era indicado comer uma semente de romã por dia do ano, a fim de se receber boa fortuna. Ademais, sempre foi utilizada para ilustrar momentos de transição na simbologia do amadurecimento e morte, embora seja também característica da literatura armênia empregar a romã como signo de

fertilidade e sensualidade. Nota-se em *A Cor da Romã* como o diretor se fez valer da completude de significados folclóricos para contextualizar sua intenção.



Figura 3. 911. Fonte: <https://youtu.be/58hoktsqk> Q Acessado em 2 de junho de 2022.

Outro elemento que merece um olhar cuidadoso para com as imagens seguintes refere-se à rosa branca. Geralmente, símbolo de leveza e da alma, a rosa branca é presente na obra de Paradjanov, surgindo sempre em momentos em que o poeta, personagem principal, passa de um momento da vida para outro, da infância para a juventude e da juventude para se tornar um homem adulto. A rosa branca é também símbolo da deusa armênia Anahit, que tem entre seus principais atributos a sabedoria, fecundidade e cura, sendo ela a figura da doadora de vida à nação. As rosas brancas também aparecem na tradicional festa em adoração a Astlik, deusa do amor e da água, ainda que já absorvida pela igreja, na festa da Transfiguração de Cristo, sendo uma das celebrações populares de maior relevância na Armênia, chamada *Vardavar*. Durante a cerimônia são oferecidas pombas brancas e rosas à divindade, enquanto as ruas são tomadas por pessoas atirando-se água umas nas outras.



Figura 4. 911. Fonte: [https://youtu.be/58hoktsqk\\_Q](https://youtu.be/58hoktsqk_Q) Acessado em 2 de junho de 2022.



Figura 5. A Cor da Romã. Fonte: <https://youtu.be/GECN63CMScQ> Acessado em 2 de junho de 2022.

Em outra cena, aparece uma mulher que chora em meio ao gesto de ninar um corpo já morto e mumificado. Em *A Cor da Romã* também há a reprodução de ritos fúnebres, como visto nas figuras que seguem. Curiosamente, na cultura armênia existe uma personagem chamada Semíramis. A tradição oral conta que ela foi uma rainha que se apaixonou pelo lendário príncipe Ara, o Belo. Semíramis provoca uma invasão ao território, mas encontra Ara morto, então depois de chorar sobre o

corpo do rei, arrependida, invoca a figura mitológica de Aralez, um cachorro alado que, ao lambem suas feridas, consegue fazê-lo voltar à vida. O culto aos mortos é uma tradição presente na cultura armênia desde o período pré-cristão, sendo possível notar a manutenção desta nas festividades de *merelots*, praticadas toda segunda-feira seguinte às cinco festas cardinais do calendário da Igreja Apostólica Armênia, conhecidas como Daghavar (BOGOSSIAN, 2022, p. 65). Neste dia, levam-se flores e velas em visitas aos cemitérios, enfeitando os túmulos e louvando em cânticos a memória dos antepassados, pedindo-lhes proteção.



Figura 6. 911. Fonte: [https://youtu.be/58hoktsqk\\_Q](https://youtu.be/58hoktsqk_Q) Acessado em 2 de junho de 2022.



Figura 7. A Cor da Romã. Fonte: <https://youtu.be/GECN63CMScQ> Acessado em 2 de junho de 2022.

Ligada a essas imagens, também está uma cena do filme em que ocorre um funeral, nela diz: “Nos abandonou e se foi, mas nós vivos te cobrimos em um casulo, para que em seu novo mundo você possa irromper como uma borboleta”. A borboleta, como símbolo de transformação, aqui revela sobre antigas práticas de cuidados com os mortos, com destaque no ato de enrolar o corpo do cadáver em panos que lembram a forma de um casulo.

No filme de Paradjanov há constantes falas sobre o fogo, tais como “Você é fogo. Sua roupa é fogo”. O vermelho, evocado desde o nome da obra armênia, será reforçado por Gaga ao usar uma vestimenta em que o adorno da cabeça carrega pequenas romãs. Para além dessa relação, o fogo é um dos elementos mais importantes para o xamanismo armênio, associado ao deus Vahagn, bem como para o Zoroastrismo, que como uma religião que surge no país vizinho foi fonte inspiradora de grande parte das crenças locais.

Durante o longa-metragem de Paradjanov, dois personagens acompanham a vida do poeta, em quem o enredo é centralizado, o pai e a mãe. Durante o filme, eles realizam performances associadas ao cuidado, como o gesto de cobrir o poeta ainda garoto com panos. Gaga usará tal referência durante o videoclipe 911. A mãe da narrativa de Gaga possui claras características de uma santa católica, principalmente devido ao figurino escolhido. Já o pai parece ser um forte guerreiro jovem que, mesmo não tendo relação direta a nenhum dos deuses masculinos que compõem o panteão pagão armênio, traz consigo a natureza unânime que lhes envolve, a força. Pode-se, assim, sugerir, que o casamento de 911 é entre um deus pagão e uma santa católica, realçando, mais uma vez, a identidade do povo armênio.



Figura 8. 911. Fonte: [https://youtu.be/58hoktsqk\\_Q](https://youtu.be/58hoktsqk_Q) Acessado em 2 de junho de 2022.



Figura 9. A Cor da Romã. Fonte: <https://youtu.be/GECN63CMScQ> Acessado em 2 de junho de 2022.

Nas imagens seguintes há a referência ao, chamado pelo autor, “anjo da morte”. No filme armênio esta personagem é uma mulher coberta de flores, que em um determinado momento joga um jarro de vinho sobre o poeta. Talvez possa se fazer alguma relação com as narrativas de deidades femininas ligadas aos finais de ciclos, como Inanna na Mesopotâmia e Perséfone para os gregos, pois ambas simbolizam morte e renascimento. Gaga transforma a personagem de Paradjanov em uma espécie de ser de outro planeta que veste preto, mas que também é coberto por flores. Na figura número 11, encontra-se a principal razão pelas teorias

conspiratórias relacionadas à guerra com o Azerbaijão, onde a faixa de isolamento expressa o aviso de “cuidado”, em armênio, na cena do acidente.



Figura 10. A Cor da Romã. Fonte: <https://youtu.be/GECN63CMScQ> Acessado em 2 de junho de 2022.



Figura 11. 911. Fonte: [https://youtu.be/58hoktsqk\\_Q](https://youtu.be/58hoktsqk_Q) Acessado em 2 de junho de 2022.

Um fragmento bastante interessante é o final do filme de Paradjanov, em que surge escrito: “Um poeta deve morrer, mas não sua musa. Esteja eu vivo ou morto, meu canto despertará a multidão”. A mensagem se conecta não apenas à temática da morte, mas também ao legado da cantora que é considerada musa do pop e uma das maiores influenciadoras sociais da atualidade.

No que diz respeito ao sentido teológico de 911 e imaginário pop, Alfieri (2021, p. 262) elabora como ocorre uma transfiguração da estrela, através da sedução estética do videoclipe, que se dá pela fixação da imagem e do movimento, da aceleração repentina e dos quadros fixos com personagens e objetos imóveis, tal

qual faz Paradjanov. Segundo o autor, o mesmo exemplifica a arte sacra, de estátuas e pinturas, no desconforto que aproxima aquilo que seria sagrado e digno de admiração.

Como já dito anteriormente, a linguagem simbólica pode ser acessada de muitas formas, portanto, danças ou movimentações corporais também servem como comunicadoras de conhecimento. Lady Gaga usa, em grande parte do videoclipe, da partitura corporal<sup>8</sup> desenvolvida pelo diretor armênio.

### **3.1 Imagens complementares.**

O presente capítulo serve de apoio para as informações levantadas ao longo do artigo. Dispor-se-á cenas que contenham semelhanças semânticas, nas quais se identificam um salientar da identidade cultural da Armênia, tendo em mente outras referências diretas entre 911 e A Cor da Romã, aproximando-se os componentes cenográficos, ornamentários e os movimentos de cena das personagens. Revela-se assim uma eternidade da armenidade, tal qual relacionada aos tempos acima mencionados na obra de Paradjanov, de contínua vivência da arte e expressões do povo armênio, de impacto e marco. Constrói assim no coletivo aquilo que se confere na história, pela permanência e interação individual dos que a ele pertencem com o meio.

---

<sup>8</sup> Termo usado por autores do teatro como Constantin Stanislávski e Jacques Lecoq para designar os gestos coreográficos e movimentos corporais feitos pelos atores na representação do espetáculo.



Figura 12. A Cor da Romã. Fonte: <https://youtu.be/GECN63CMScQ> Acessado em 2 de junho de 2022.



Figura 13. 911. Fonte: [https://youtu.be/58hoktsqk\\_Q](https://youtu.be/58hoktsqk_Q) Acessado em 2 de junho de 2022.



Figura 14. 911. Fonte: [https://youtu.be/58hoktsqk\\_Q](https://youtu.be/58hoktsqk_Q) Acessado em 2 de junho de 2022.



Figura 15. A Cor da Romã. Fonte: <https://youtu.be/GECN63CMScQ> Acessado em 2 de junho de 2022



Figura 16. A Cor da Romã. Fonte: <https://youtu.be/GECN63CMScQ> Acessado em 2 de junho de 2022



Figura 17. 911. Fonte: [https://youtu.be/58hoktsqk\\_Q](https://youtu.be/58hoktsqk_Q) Acessado em 2 de junho de 2022



Figura 18. 911. Fonte: [https://youtu.be/58hoktsqk\\_Q](https://youtu.be/58hoktsqk_Q) Acessado em 2 de junho de 2022



Figura 19. 911. Fonte: [https://youtu.be/58hoktsqk\\_Q](https://youtu.be/58hoktsqk_Q) Acessado em 2 de junho de 2022



Figura 20. A Cor da Romã. Fonte: <https://youtu.be/GECN63CMScQ> Acessado em 2 de junho de 2022



Figura 21. 911. Fonte: <https://youtu.be/58hoktsqk> Q Acessado em 2 de junho de 2022

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos questionamentos mais gritantes da relação entre as obras de Lady Gaga e Sergei Paradjanov é sobre a sinalização de respeito e valorização cultural que a produção da cantora pop faz diante da realidade social da Armênia. Críticas à artista vieram principalmente após o lançamento de 911, quando a Armênia teve seu território invadido pelo país vizinho Azerbaijão. Personalidades ajudaram com

envio de dinheiro ou demonstraram posicionamento contra o conflito, porém Lady Gaga em momento algum falou sobre a guerra. Levantaram-se assim dúvidas sobre se 911 não se enquadraria como sendo uma apropriação cultural, ou seja, quando ocorre o uso de símbolos e identidades culturais específicas, mas sem que ocorra junto disso a valorização e respeito do povo a quem essa cultura pertence. Inegavelmente, a artista reverencia a arte armênia e chancela sua importância cultural através do videoclipe, mas não se deve esquecer a comercialidade do *show business*, em que tanto a figura de Paradjanov quanto a luta do povo armênio se enquadram e poderiam ser exploradas dentro das bandeiras suportadas pela persona midiática de Lady Gaga.

Gaga talvez tenha apenas escolhido pela estética armênia, sem ter compreensão sobre tamanho significado identitário e histórico da obra de Sergei. Ou, poderia ainda a lenda do pop ter usado de sua popularização para lembrar uma causa para o mundo? Faz parte do imaginário coletivo dos armênios a constante percepção de que são um povo só no mundo, isolados, buscando contrapartida e apoio a sua causa de existência. Toda lembrança e memória, sem dúvida, afeta positivamente os armênios, pois configura visibilidade em uma sina histórica que luta contra o apagamento, físico e cultural. Não obstante, também os atinge saberem que, em momento de real dificuldade, o mundo torna-lhes as costas e lamenta o destino sem maiores ações. É legítimo que se questione a exploração da beleza produzida pela vivência de um povo, do consumo estético, sem retribuição prática. Independentemente das respostas para as questões anteriores, cabe aqui, diante da área de aprofundamento dos que aqui escrevem, reflexões em cima do diálogo religioso estabelecido.

A arte, como uma ferramenta de ensino, ultrapassa as fronteiras das diferenças e aproxima o diálogo intercultural e religioso. A importância da linguagem simbólica, na qual a arte se expressa e é absorvida, é notória quando se fala em liturgia ou aprendizado religioso. A arte é necessária para prática religiosa de grande parte das religiões e, por meio da análise de obras, pode-se explorar fragmentos de grande valia a quem pesquisa fenômenos religiosos. Curiosamente, é necessário que se tenha, de certa forma, algum manual de recorte e referência, para que se possa, corretamente, interpretar os signos ali guardados, tanto para que haja alinhamento, quanto para o rompimento do tradicionalismo simbólico.

Sergei Paradjanov encharca sua obra de valor simbólico, valor esse que ultrapassa gerações até alcançar destaque na obra construída por Lady Gaga. É preciso compreender que, mesmo indiretamente, Gaga fala sobre a fé armênia. Sobre a fé do indivíduo nos mitos, deuses e existência de seu povo. A Armênia é sinônimo também de resistência de uma cultura que tem fome de ser o que é, de uma raiz que encontra espaço em meio às dificuldades, se molda, mas nunca deixa de ali estar. Como dito previamente, a lembrança e o reconhecimento geram a visibilidade necessária para que se dê corpo e estímulo ao debate à causa secular dos armênios. Percebe-se, aqui, como *A Cor da Romã* catapulta a mensagem e imprime sentido sobre a jornada dos armênios, enquanto a obra de Gaga age funcionalmente na qualidade de plataforma.

Dentro de um contexto de tamanha inconstância política e feroz atividade fronteiriça, é apenas natural que o fenômeno religioso na Armênia seja exemplo desta bricolagem intelectual, em exemplo de resiliência e criatividade cultural. Dessa forma, a expressão espiritual do coletivo transformou-se em caráter de valor identitário, em que a ritualização das crenças aparece na reafirmação do povo em manter viva as tradições ao longo do tempo, mesmo que a custo de uma secularização dos símbolos e instituições. A religiosidade dos armênios conta em suas trajetórias míticas e lendas populares sobre suas necessidades, conflitos e visões de mundo. A história de pessoas que precisam ser fortes, resistir, encontrar meios para prosperar, ser vida. Este é o ápice do encontro artístico das obras do dramaturgo armênio do século passado e da jovem americana dos nossos tempos. Ambos defendem a existência do ser, a liberdade e a valorização das identidades.

## REFERÊNCIAS

**A COR da Romã.** Direção de Sergei Paradjanov. Produzido por Armenfilm. Armênia, 1969. 1 filme (89 min.): son.; color.; suporte DVD.

ALFIERI, Alessandro. **Paradzanov e Lady Gaga: teologia armena e immaginario pop.** Samizdat, pp. 255-264, 2021.

ANANIKIAN, Mardiros H. **The Mythology Of All Races.** Boston, Marshall Jones Company, vol. 07, pp. 448, 1923.

BURKE, P. Testemunha ocular: história e imagem. O que é a história cultural. Bauru: EDUSC. 2004.

BOGOSSIAN, Gabriel. **O fenômeno religioso em A Cor da Romã**: elementos para construção de uma identidade armênia. Dissertação (mestrado em Ciência das Religiões). Lisboa, Universidade Lusófona, 2022.

CARVALHO, J. M. D. **Ritual da tucandeira da etnia Sateré-Mawé**: língua, memória e tradição cultural. Dissertação em Letras e Artes. Universidade do Estado do Amazonas, 2015.

DOWSETT, Charles. **Sayat-Nova, An 18th-century Troubadour**: A Biographical and Literary Study. Louvain, Belgium/Washington, D.C.: Peeters Publishers/Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium of the Catholic University of Louvain and the Catholic University of America, vol. 16, pp. 507, 1997.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Editora Arcádia. Lisboa, 1979

GALSTYAN, Siranush. **Sergei Parajanov**: Saving Beauty, Cinergie, il cinema e le altre arti. n.6, pp. 104-114, 2014.

GELLEL, Adrian-Mario. **Traces of spirituality in the Lady Gaga phenomenon**. International Journal of Children's Spirituality, v. 18, n. 2, p. 214-226, 2013.

NASCIMENTO, Isaac Marlon V. et al. Expressão Artística de 911 de Lady Gaga em Interface com o Debate em Psicologia e Saúde Mental. **Revista Interfaces**: Saúde, Humanas e Tecnologia. 2022.

MARTINS, Natasha. **ARTE NO CANDOMBLÉ** - Uma Leitura Feminina das Obras de Neves e Sousa. Dissertação (mestrado em Ciência das Religiões). Lisboa, Universidade Lusófona, 2022.

PANOSSIAN, Razmik. **The Armenians From Kings and Priests to Merchants and Commissars**, 1ed, Londres, C. Hurst & Co. Ltd, pp. 442, 2006.

PAYASLIAN, Simon. **The History Of Armenia, From The Origins To The Present**, 1ed. Nova Iorque, 2007.

PINTO, Paulo Mendes. Da natureza e das funções do símbolo. **Revista Relicário**, 8.16: 10-15, 2021.

RUSSELL, James R. **Zoroastrianism in Armenia, Cambridge**. Harvard University Department of Near Eastern Languages and Civilizations and National Association for Armenian Studies and Research, vol. 05, pp. 578, 1987.

STEFFEN, James. **The Cinema of Sergei Parajanov**, Madison, The University of Wisconsin Press, pp. 326, 2013.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Editora UFMG, 2013.

VIEIRA, J. L. L. Iconografia Pictórica Histórica e seu diálogo com o ensino de História. **História & Ensino**, 23(1), 71-96, 2017.